

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

# TEMPO JUSTO



JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

# TEMPO JUSTO



© João Anzanello Carrascoza, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL *Adilson Miguel*

ASSISTÊNCIA EDITORIAL *Olívia Lima*

REVISÃO *Marcia Menin*

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE *Rita M. da Costa Aguiar*

PRODUÇÃO INDUSTRIAL *Alexander Maeda*

IMPRESSÃO <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Carrascoza, João Anzanello

Tempo justo / João Anzanello Carrascoza.

— São Paulo : Edições SM, 2016.

ISBN 978-85-418-1517-8

1. Contos brasileiros I. Título.

---

16-03981

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição setembro de 2016

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo/SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

[www.edicoessm.com.br](http://www.edicoessm.com.br)

AS COISAS MUDAM AS COISAS, 5

OUTRO MAR, 13

PERDA, 16

COMO A LUZ, 21

O SÉTIMO DIA, 24

NATIVIDADE, 31

IRMÃ, 36

PERDÃO, 39

ESCURO, 48

ESPIRAL, 52

ALFABETO, 55

ASSIM EU GOSTARIA, 61

O ENTREPOSTO, 66

BALANÇO, 70

FINITA E BELA, 75

RETRATO, 77

# AS COISAS MUDAM AS COISAS

Foi assim, como um relâmpago. Estávamos no rancho, e era manhã, eu acordei e o mundo se apresentou daquele jeito, os eucaliptos ao redor da casa, um solzinho driblando seus galhos, o ar frio que gelava as narinas, a voz dele distante, quase uma novidade para os meus ouvidos — era a voz da mãe que me retirava, diariamente, do sonho para a vida, quando, então, tudo recomeçava a fazer sentido em mim. Levantei e fui à cozinha, os olhos ainda gordos de sono, mas já emagrecendo com o verde que, pelas largas janelas, eu via se estender lá fora em suas variadas formas — árvores, plantas trepadeiras, grama. Sentei-me à mesa e gachei um beijo da Mara, que me perguntou se eu havia dormido bem, e eu sorri com preguiça e disse baixinho, *dormi*, e ele, à minha frente, bebendo o seu café, disse, *Descansou bastante?*, e eu, *Descansei*, e ele, *Que bom!*, e acrescentou, *Tenho um programa pra nós hoje*, e a Mara soltou um palpite, *Vão andar a cavalo?*, e ele, *Não, outra coisa*, e ela, *Colher laranjas?*, e ele, *Não*, e eu, quieto, passando a manteiga no pão, à espera. Eu não tinha nada em

mente, estava ali com os dois, sem que fosse feliz ou triste, aquele estar era só um estar, que poderia ou não ser o início de algo feliz ou triste, eu não era mais uma criança, eu já sabia que as coisas eram assim, as coisas, as coisas estão lá, pedindo para que a gente as faça, e uma hora a gente as faz, porque temos de povoar o tempo. No começo, fazemos sem muita vontade, mas depois a gente até pega gosto, tinha sido assim a minha primeira vez com ele e a Mara no rancho, aquela poeira, o vento frio, os pernilongos, tudo que não era a minha casa, o meu quarto, a minha cama e eis que, de repente, no dia seguinte, eu me vi aceitando, contente ao acordar com o canto dos pássaros, e aí eu percebi que, se as coisas tinham mudado, é porque elas antes eram outras, ainda não o que se tornariam, embora dentro delas já estivesse se formando aquele de repente que as transformaria. Eu continuei mudo, à espera, e, então, ele disse, *Que tal irmos a pé até a Santa Rita?*, e bebeu outro gole de café, e a Mara me olhou de relance, eu já ouvira os dois falarem da Santa Rita, a fazenda mais bonita da região, e ela disse, *Não é muito longe?*, e ele, *Oito quilômetros, ida e volta, só duas horinhas*, e, antes que eu pudesse me opor, completou, *Se sairmos agora, ainda chegamos pro almoço*, e eu, no ato, não fiquei muito animado, mas eu crescera, eu sabia que as coisas mudam, e elas já estavam mudando,

ainda que devagar, porque a Mara me disse, *Você vai gostar*, e comentou que havia lá um lago com marrecos, galinhas d'angola, um túnel de ipês, e ele emendou, *O sol tá fraco, é um dia ideal pra gente andar, vamos?*, e eu senti que a caminhada podia ser boa, tínhamos de viver a manhã de algum jeito, e aquele era um jeito novo, depois de experimentarmos o novo, a gente passa a ver melhor até as coisas conhecidas, e, mastigando o pão, por fim, respondi, *Vamos!* E, então, nós fomos. Calçamos os tênis, ele pegou um cantil de água e disse, *Tchau, querida*, e a Mara acenou da cozinha, *A gente volta pro almoço*, e ela, vendo os meus olhos cheios de eucaliptos, disse, *Vou fazer batata frita pra você*, eu sorri, a viagem prometia, se não nela mesma, no retorno, porque a batata frita da Mara era muito saborosa, e logo a gente enveredou por uma estradinha na qual eu já andara umas vezes, mas só até certo ponto, não muito distante da casa, e aí, percorrendo-a mais e mais, em passo lento, ele na frente, meio curvado, me puxando como se com um cordão invisível, eu comecei a descobrir nela uma outra estradinha, diferente, umas touceiras altas de capim, cercas de arame farpado, aquele trecho não era o mesmo onde eu antes passara, assim como era outro trecho dele — e de mim — que eu, então, ia trilhando, *Olha lá naquele mourão, um anu!*, ele apontou, e o pássaro negro, de cauda

longa, se manteve estático, retendo o voo, para ser o que era naquele momento, pássaro negro sobre um mourão, e, depois, ele disse, *Mais um pouco e dá pra ver o morro, a divisa do nosso rancho com o São Geraldo*, o morro, eu nunca tinha visto, ele bem sabia, por isso me mostrava, e logo, avançando em sua direção, eis o morro pertinho de nós, imóvel, como o pássaro, anu no mourão a nos observar, e, mais adiante, umas plantas ralas, esparradas pelo solo, e ele, *Tá vendo ali? É a cana do São Geraldo, tá bem crescidinha*, e aí eu senti que ele se comprazia em me apresentar o que, à nossa frente, se mostrava, mas que, pela voz dele, se exibia de outra forma, como se as coisas se fizessem por meio de sua palavra, como se estivessem ali só para se tornar o que eram quando ele as pronunciava, *E atrás daquela curva*, os meus olhos se ergueram do chão para ver a curva se formar adiante, *atrás daquela curva tá o caminho pra Serra do Lobo*, ele disse, e, assim, nós dois fomos seguindo aquela estradinha, que também seguia em nós, eu e ele sendo quem éramos, não porque já éramos, mas porque estávamos nos tornando naquele instante ao pisar na Santa Rita, tão parecida com a paisagem do rancho, um corpo só de terra vermelha, mas dividido por uma porteira, limite imposto pelos homens, sem o qual tudo era uma coisa única, a estradinha que eu e ele havíamos deixado

para trás, mas que continuava daquele outro lado, ela igual a ela, a mesma, embora para além de uma linha a demarcar dois mundos. E, mal demos os primeiros passos rumo à sede da Santa Rita, umas nuvens que enegreciam, silenciosas, pelo céu foram cobrindo o sol, tímido desde o amanhecer, e um vento, vindo de longe, se pôs a agitar os galhos dos ipês, *O tempo tá mudando*, ele disse, *quem diria?*, como se desconhecesse a lógica do Universo, que, de repente, pode mudar tudo, ele disse, *O tempo tá mudando, quem diria?*, mas não alterou o ritmo da marcha, o que me surpreendeu, estávamos em campo aberto, para viver a vida que ali nos aguardava, como o lago da Santa Rita, cujas águas já se insinuavam à nossa vista, lá estava o lago, entregue aos seus marrecos, sem poder sair dali, igual a mim e a ele, rumo ao nosso minuto seguinte, não presos àquele horizonte e àquela vegetação, mas, sim, livres de tudo o que não era aquele horizonte e aquela vegetação, dissociados da realidade a cujo continente aquele pedaço de terra não mais pertencia, e, ainda que o tempo estivesse mudando, ele não alterou o ritmo da marcha, como se pouco importasse se o negror das nuvens se ampliava, se o vento entupiria nossas narinas com o perfume de poeira, se a carne da terra acusava o peso dos nossos pés, e continuou a refazer para mim, com palavras, a fazenda que diante de nós se delineava, *Ali*